

O ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE E SUAS MANIFESTAÇÕES:
uma análise simbólico-religiosa no Cemitério da Saudade

THE GREAT MOTHER ARCHETYPE AND ITS MANIFESTATIONS:
A symbolic and religious analysis of Saudade Cemetery

Daniela Veloso de Abreu e Matos¹

RESUMO

Este artigo investiga as manifestações simbólicas do arquétipo da Grande Mãe no Cemitério da Saudade em Belo Horizonte, utilizando a técnica da amplificação junguiana e o método histórico-comparativo para interpretá-las. A pesquisa analisou as representações associadas a esse arquétipo, visando compreender os conteúdos psíquicos subjacentes e os significados atribuídos a esse simbolismo no contexto funerário em questão. Conclui-se que as representações do arquétipo da Grande Mãe no Cemitério da Saudade estão predominantemente ligadas à figura de Maria, mãe de Jesus, destacando símbolos que comunicam contenção positiva, abrigo, segurança, calor e ternura, próprios das características elementares de valência positiva. Também percebemos uma forte influência telúrica nesse simbolismo, relacionado aos conteúdos de maternidade, imortalidade e período de repouso anterior ao renascimento.

Palavras-chave: Grande Mãe; Cemitério; Jung; Arquétipo; Neumann

ABSTRACT

This article investigates the symbolic manifestations of the Great Mother archetype at the Saudade Cemetery in Belo Horizonte, using Jungian amplification techniques and historical-comparative methods to interpret them. The research analyzed representations associated with this archetype to understand the underlying psychic contents and the meanings attributed to this symbolism in the funerary context under analysis. The study concludes that the representations of the Great Mother archetype at Saudade Cemetery are predominantly linked to the figure of Mary, mother of Jesus, highlighting symbols that communicate positiveness, shelter, security, warmth, and tenderness, all characteristic of the elementary traits of positive valence. A strong telluric influence is also observed in this symbolism, which relates to motherhood, immortality, and the period of rest before rebirth.

Keywords: Great Mother; Cemetery; Jung; Archetype; Neumann

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um excerto da dissertação intitulada "Cemitério da Saudade: uma análise simbólico-religiosa da morte", apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas.

Nosso campo de pesquisa foi o Cemitério da Saudade, a segunda necrópole mais antiga de Belo Horizonte, construído para acolher os cadáveres daqueles que,

¹ Cientista Social, doutoranda e mestra em Ciências da Religião pelo PPGCR da PUC Minas.
E-mail: danielavelosodeabreu@gmail.com

por falta de recursos, não puderam encontrar descanso eterno no imponente Cemitério do Bonfim. O trabalho teve como objetivo compreender as manifestações simbólicas dos que utilizam esse espaço tanto para celebrar a memória dos mortos quanto como um local de sociabilidade. Essas manifestações revelam a convergência de contribuições singulares, que cristalizam relações de interdependência entre os sujeitos (DEJOURS, 1997), evidenciando criações únicas sobre a morte e a formação de uma comunidade diversa em torno de expressões simbólico-religiosas compartilhadas.

Assim, concebemos este cemitério como um importante produtor de símbolos e significados que nos falam sobre a finitude e as crenças sobre a vida após a morte, estabelecendo conexões entre presente e passado, moldando a espacialidade experimentada por indivíduos que, no contexto do nosso estudo, enfrentam um processo de desaparecimento e morte em vida. Em síntese, nossa dissertação explora como os símbolos fúnebres e tumulares funcionam como poderosos mediadores de conteúdos psíquicos que escapam à expressão por outras vias, emergindo especialmente em situações-limite, como diante da morte.

Neste fragmento, analisamos o arquétipo da Grande Mãe, presente nas manifestações simbólico-religiosas do Cemitério da Saudade. Embora outros arquétipos também se façam presentes e sejam alvo de nossas análises, este artigo se concentra exclusivamente na representação da Grande Mãe, aparição recorrente na necrópole, cujas expressões nos revelam conteúdos psíquicos ligados à maternidade, à proteção, à imortalidade e ao renascimento.

Antes de adentrarmos propriamente na análise do arquétipo da Grande Mãe, é apropriado elucidar o processo subjacente à seleção dos símbolos a serem analisados.

METODOLOGIA

Desde a etapa do projeto, determinamos que uma parcela do material documental de nossa pesquisa seria produzida por meio de registros fotográficos. Essa escolha não se deu pela inclinação da autora para as artes visuais – ao contrário, tal inclinação é inexistente – mas sim pela compreensão, fundamentada na bibliografia sobre o método observacional e na experiência da pesquisadora, de que o registro do campo é indispensável.

Além da necessidade de registros, o contexto dos símbolos – estes informantes que não se comunicam conosco por meio da palavra – nos solicitou uma ferramenta mais apropriada para documentar nossa incursão em campo, a saber: uma câmera. E assim procedemos. Nesse percurso, mais de 500 fotos foram tiradas. No começo, capturávamos imagens de tudo que nos despertava interesse. Posteriormente, refinamos nosso enfoque, registrando em fotografias apenas o que reconhecíamos como padrões repetitivos, com a expectativa de que esses elementos nos conduziram a comparações sistemáticas.

Com a conclusão da fase de trabalho de campo, reunimos todas as centenas de fotografias em uma única pasta. Em seguida, dedicamo-nos à tarefa de pensar acerca das imagens que, de forma intuitiva, atraíam nossa atenção. Esse primeiro movimento de apreciação, por assim dizer, foi guiado pelo método de amplificação junguiano. Nessa perspectiva, exploramos as associações mitológicas, históricas e

culturais cujo conteúdo arquetípico era semelhante aos símbolos que se destacaram durante nossa observação no campo. Essa exploração ocorreu tanto de forma imaginativa/intuitiva, com os conteúdos que nos eram naturalmente sugeridos durante a meditação sobre as imagens, quanto através do método filológico que, segundo Shamdasani (2014):

tornou-se muito literalmente para Jung uma técnica psicoterapêutica, e uma técnica que diferenciava notavelmente sua abordagem característica da psicoterapia de outras abordagens. A biblioteca de Jung era um complemento essencial de seu local de análise, e existem não poucas anedotas que contam como ele se aproximava das prateleiras de livros para mostrar algo num livro que demonstrava um impressionante paralelo com a fantasia de um paciente numa sessão terapêutica. **Por um lado, enquanto os conteúdos do inconsciente coletivo emergiam espontaneamente, por outro, o psicoterapeuta precisava de conhecimento erudito e capacidade para reconhecê-los corretamente** (SHAMDASANI apud FERREIRA, 2018, p.65, grifo nosso).

A partir disso, conclui-se que, para a compreensão dos conteúdos psíquicos, são necessários estudos de mitologia e de história, assim como são essenciais os estudos de filogênese e anatomia comparada para compreensão da biologia (SHAMDASANI apud FERREIRA, 2018). A tentativa de compreender a psique sem levar em consideração a história, a mitologia e a cultura se mostra insuficiente, portanto, a amplificação não deve se restringir aos conteúdos sugeridos intuitiva ou oniricamente.

A técnica da amplificação fundamenta-se na noção de arquétipos, que explora a atemporalidade dos conteúdos do inconsciente coletivo. Jung estabelece paralelos entre as cosmologias de distintos povos e épocas para respaldar sua hipótese de que a psique humana não é exclusivamente moldada por material pessoal e subjetivo, mas que todas as psiques compartilham uma base comum. Essa fundamentação sustenta a notável semelhança entre mitos produzidos por pessoas diversas, separadas tanto temporal quanto culturalmente. Segundo o autor, há uma predisposição funcional nos seres humanos em produzir as mesmas ideias (JUNG, 1995).

A abordagem amplificadora, portanto, envolve uma análise simbólico-histórica dos conteúdos arquetípicos, com intuito de ampliar suas possibilidades de significados a partir de representações análogas e estabelecer uma “releitura, ou ainda, uma implementação simbólica destas figurações [...] permitindo uma compreensão e apreensão mais clarificada de sentidos, por meio de aspectos típicos que elas expressam” (FERREIRA, 2018, p.78). Nessa lógica, tratamos então de expandir os símbolos que nos chamaram a atenção em campo, integrando-o a um contexto de significações mais amplas a partir da comparação com imagens similares, o que facilitou o acesso aos sentidos daqueles conteúdos arquetípicos.

Tomemos como exemplo a Grande Mãe, arquétipo bastante prevalente nos símbolos religiosos presentes no Cemitério da Saudade e que captou nossa atenção de maneira singular: em nosso campo de pesquisa, deparamo-nos com uma profusão de imagens de Nossa Senhora, o que não surpreende, tendo em vista a intensa devoção à Maria no contexto católico brasileiro. No entanto, salta aos olhos o fato de, depois das imagens de Nossa Senhora das Graças (a mais recorrente entre

as imagens do Saudade), as representações de Maria acompanhada do Menino Jesus, juntos em uma mesma imagem, serem as mais comuns.

Nesse sentido, havia ainda uma diversidade de formas: miniaturas da Pietà ou os corações de Jesus e Maria também em uma imagem única, superando em número as imagens individuais de Jesus ou do coração de Jesus, sendo essas últimas raríssimas. Além disso, chamou-nos a atenção a repetição da figura do Arcanjo Gabriel, reconhecido como protetor das crianças, sempre associado às imagens de Nossa Senhora e presente em túmulos que pertenciam a adultos e até mesmo a idosos.

Realizamos o exercício de questionar quais associações poderiam surgir a partir de tantos túmulos que exibem imagens de Maria com o Menino Jesus, Pietàs, Marias associadas ao Arcanjo e quais significações esses símbolos despertavam em nós. Além das associações mais evidentes, como nutrição, maternidade, proteção e nascimento, aspectos mais profundos e, por vezes, antagônicos também emergiram, tais como: atemporalidade; uma mulher que nunca envelhece; sedução; alívio; claridade; obscuridade; casa; renovação por meio da natureza – aspectos que, posteriormente, se alinharam às descrições teóricas² em relação ao arquétipo materno, frequentemente vinculado à Maria, mãe de Jesus, quando em sua apresentação positiva.

Dentre todas, a associação mais intrigante feita pela autora em relação à representação de Maria como o arquétipo da mãe, sem dúvida, foi com a ideia de casa. Isso porque, à primeira vista, essa associação aparentemente insólita revelou-se amplamente explorada ao longo da história e da cultura, conforme nos mostra Neumann e Bachelard que, além de trazerem associações históricas da casa como representação do ser interior, também a associam a “um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal” (BACHELARD apud CHEVALIER, 2023, p. 248).

Então, no psiquismo humano, a casa frequentemente simboliza um útero materno construído “socio historicamente”, uma vez que ela substitui a função envolvente da intimidade e da proteção ofertada pelo corpo da mãe (RABINOVICH, 1997). Associações do arquétipo da Grande Mãe também podem ser estendidas à cidade e ao templo que, ao mesmo tempo que representam uma figura materna, também simbolizam a imagem do universo (Eliade, 1991), pois transmitem o sentimento de “estar contido”, como na já citada REFERÊNCIA uterina (Figueira, 2000).

A partir da amplificação das imagens de Maria como mãe e do arquétipo materno, passamos a examinar os túmulos com pedestais em formato de casa ou capelas sob novas perspectivas, especialmente se esses túmulos, com essa arquitetura específica, apresentassem repetições simbólicas da Grande Mãe. Nesse sentido, encontramos o túmulo de um homem, falecido por volta dos 30 anos, em

² Para citar apenas uma das referências consultadas, Jung relacionará o arquétipo da mãe a uma figura feminina que é “a portadora dessa imagem onipresente e atemporal [...] ela representa a lealdade que nos interesses da vida [o homem] ele deve renunciar. Ela é a tão necessária compensação pelos riscos, lutas, sacrifícios que terminam em desapontamento; ela é o consolo para todas as amarguras da vida. E, ao mesmo tempo, ela é a grande ilusionista, a sedutora, que o atrai para a vida com sua Maya - e não apenas para os aspectos razoáveis e úteis da vida, mas para seus terríveis paradoxos e ambivalências onde o bem e o mal, o sucesso e a ruína, a esperança e desespero” (Jung, 1970, p.12).

que ocorre uma convergência de símbolos relacionados a esse arquétipo. Da esquerda para a direita, observamos a presença de São Rafael Arcanjo, Nossa Senhora de Fátima, o busto de Nossa Senhora com o Menino Jesus, vasos de begônia cerosa, uma miniatura em resina de um bebê e São Gabriel Arcanjo. Sobre o pedestal em formato de casa, encontramos uma foto e a inscrição: “Aqui se encerra uma vida... Vida originada de meu ventre... gerada pelo sublime poder de nosso Criador! Te amarei eternamente, meu Filho”. De todas as representações simbólicas presentes nesse túmulo de um adulto, apenas a de São Rafael Arcanjo se mostrou desvinculada do arquétipo em questão.

Figura 1: Túmulo do Saudade (representações da Grande Mãe).



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Ao lidarmos com os outros símbolos, repetimos o mesmo percurso que envolve: a identificação do significado subjacente a eles e a expansão/elevação do sentido a partir de um conceito arquetípico geral. Nessa perspectiva, somente a título de exemplo, uma peça de madeira verticalizada pode ser elevada ao arquétipo da árvore, a depender de sua apresentação (GIRARD, 1997). Após esse primeiro momento, exploramos os significados múltiplos relacionados ao tema arquetípico identificado, buscando compreender o que o símbolo nos evoca tanto a partir das associações pessoais mobilizadas pelo uso ativo da imaginação quanto pelas suas possíveis relações com cosmologias que o incorporam. Desse processo, emergem novas associações que conferem significados outros àquilo que antes era limitado ou completamente incoerente à razão.

Ressaltamos que, visando a abrangência e a comunicação entre teorias, escolhemos considerar arquétipo e simbolismo como termos intercambiáveis. Portanto, ao mencionarmos simbolismo, estamos nos referindo aos arquétipos, isto é, aos conteúdos universais do inconsciente coletivo. Vale observar que diversos símbolos podem estar associados a diferentes simbolismos; ou seja, diferentes manifestações simbólicas podem estar relacionadas a um mesmo arquétipo.

Após essa breve incursão metodológica, almejamos que a técnica utilizada esteja clara para o leitor, para que possamos seguir com a análise simbólica dos túmulos do Cemitério da Saudade. Esses jazigos refletem a religiosidade local e as crenças na sobrevivência além-túmulo a partir da incorporação de símbolos comuns a diferentes tradições religiosas, além de apresentar *insights* sobre a relação da comunidade com a finitude. Revelam ainda informações sobre quem são os inumados, por meio da materialização de homenagens que se conectam diretamente com a personalidade de cada um deles. Essas homenagens variam quanto à presença ou ausência de temática religiosa, embora a última seja predominante.

Os túmulos do Cemitério da Saudade têm também o potencial de revelar aspectos profundos da psique humana diante da temática da morte e do morrer. Eles indicam padrões nos símbolos produzidos numinosamente quando somos confrontados com o fim de uma vida humana, oferecendo uma rica compreensão acerca da complexidade das respostas simbólicas e das representações coletivas que emergem diante do dilema existencial da finitude.

A GRANDE MÃE

O arquétipo da Grande Mãe foi ostensivamente investigado pela psicologia das profundezas e pela história das religiões, sendo inviável abordá-lo em sua totalidade. Portanto, trataremos apenas suas características mais significativas, especialmente as que forem pertinentes à análise dos símbolos da Grande Mãe observados em campo.

A Grande Mãe é o desenvolvimento psíquico do arquétipo do feminino. A partir da teoria junguiana, compreendemos que esse simbolismo deriva da *anima* e percorre quatro estágios de desenvolvimento e projeção: o primeiro é representado pela figura de Eva, que simboliza o relacionamento com o arquétipo de forma puramente instintiva e biológica; o segundo estágio é simbolizado por Helena de Fausto, incorporando principalmente os níveis românticos e estéticos de relacionamento, mas também os sexuais; o terceiro estágio, de particular interesse, é simbolizado por Maria, que “eleva o amor (Eros) à grandeza espiritual” (VON FRANZ, 2016, p.217); e, por fim, o quarto estágio é simbolizado por Sofia, representante da sabedoria que transcende a pureza e a santidade.

Ao explorar o terceiro estágio da *anima* em Jung, simbolizado pela Virgem Maria, e refletir sobre o que esse simbolismo nos comunica, chegamos à conclusão de que ele personifica a maternidade espiritual, em contraste com a maternidade biológica de Eva, na qual o determinante natural é realçado. O quarto estágio da *anima* representa o lado benevolente e sem sombra da projeção feminina no Eros masculino, sendo a “[...] personificação de uma relação celestial” (JUNG, 1988, § 361), elevada, idealizada e sem mácula.

As representações dessa *anima* masculina, independentemente do estágio, serão sempre pautadas pela relação que esse homem manteve com sua mãe (inclusive as do segundo estágio), por exemplo, “se o homem sente que sua mãe teve sobre ele uma influência negativa, sua *anima* vai expressar-se, muitas vezes, de maneira irritada, depressiva, incerta, insegura e suscetível” (Von Franz, 2016 p.236).

Embora a compreensão do autor aponte para caminhos bastante úteis, acreditamos que se fazem necessárias compreensões adicionais. Em Jung, o arquétipo da Grande Mãe está intimamente ligado à *anima*, o elemento feminino nos homens; enquanto o *animus*, o elemento masculino nas mulheres, apresenta estágios de desenvolvimento e projeção distintos que não exploram plenamente esse simbolismo. Ou seja, a vivência da Grande Mãe quando se trata de mulheres parece ser pouco explorada por Jung, carecendo de aspectos mais gerais que abrangam ambos os gêneros. Nesse contexto, Erich Neumann, um dos discípulos mais proeminentes do psiquiatra suíço e que se dedicou ao estudo desse arquétipo, oferece explicações mais abrangentes e enriquecedoras. As especificidades de cada sexo na obra de Neumann são discerníveis, com uma clara ênfase nos aspectos da psique masculina. No entanto, sua abordagem incorpora mais (em comparação a Jung) características comuns que se aplicam à psique humana como um todo.

Segundo Neumann (1974), a Grande Mãe é um desenvolvimento intermediário entre o arquétipo feminino e a *anima*, em oposição à ideia de estágios desse elemento masculino. Além disso, esse simbolismo pode ser dividido em dois grupos distintos de características: 1) o grupo de característica(s) elementar(es) e 2) o grupo de característica(s) transformativa(s). Ambos os grupos são ambivalentes, manifestando-se nos sonhos e nos mitos por meio de seus aspectos tanto benignos quanto sombrios.

Em linhas gerais, as características elementares da Grande Mãe podem ser definidas a partir da figura feminina como recipiente (*vessel*) “que tende a se apegar rápido àquilo que emana dela e o envolve como uma substância eterna. Tudo que nasce dele pertence a ele e fica sujeito a ele” (NEUMANN, 1974, p.25). As características elementares, como dito anteriormente, englobam aspectos positivos e negativos, que vão desde nascimento, proteção e nutrição ao controle, castração e morte.

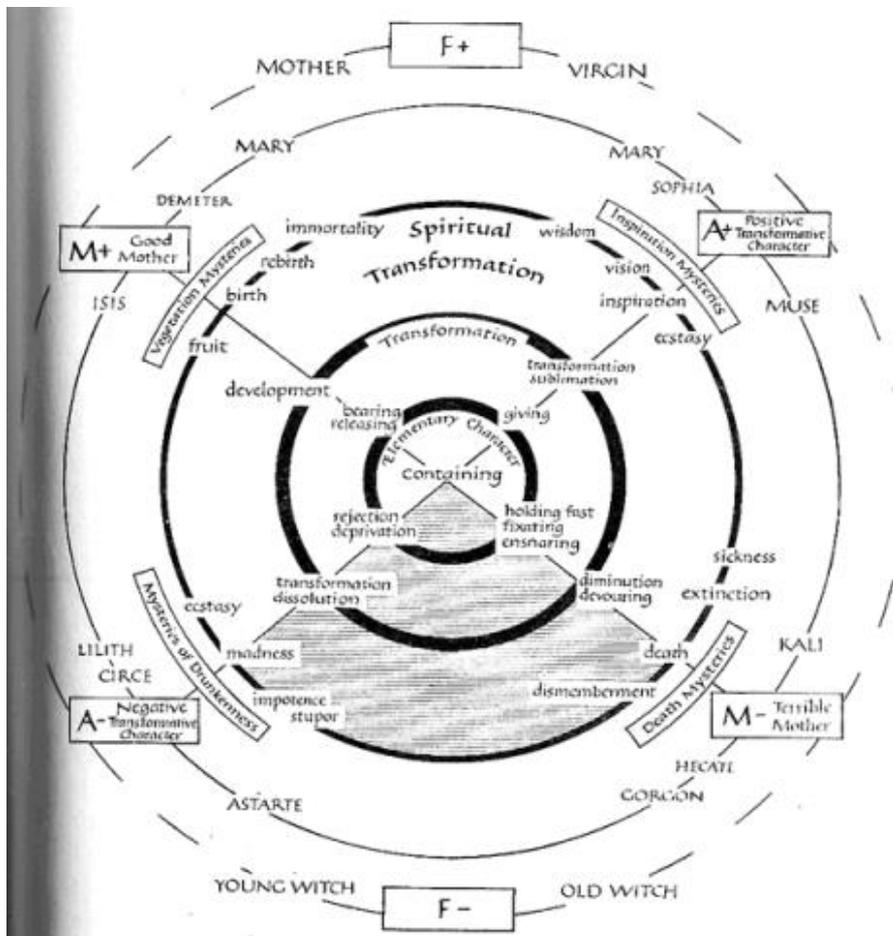
É importante notar que as características elementares estão vinculadas, não a um determinante natural *per se*, mas especificamente a um determinante materno. Isso remete à concepção de figura feminina como *vessel* que gera, provê e submete aquilo que gerou a si mesma. Também, à ideia um relacionamento indissolúvel entre mãe e filho, além de abrangerem os aspectos mais conservadores, estáticos e incipientes da psique. Esse grupo de características exerce influência predominante sobre as características transformativas durante as fases iniciais do desenvolvimento psíquico. Em outras palavras, as crianças tendem a manter uma conexão mais robusta com as características elementares até atingirem sua forma psíquica independente.

Já as características transformativas estão intrinsecamente ligadas à essência dinâmica, ao movimento e à mutabilidade da psique humana. Embora as características elementares e transformativas não sejam antitéticas, podendo coexistir em uma mesma função – como é o caso da nutrição da prole, que pode se manifestar tanto como um ato de proteção (elementar) quanto como um ato de transformação do alimentado (transformativa) –, a diferença fundamental reside no fato de que as características transformativas nos conduzem à tensão e à intensificação de nossa personalidade e autonomia. A *anima* (*animus* no caso feminino) é considerada o veículo por excelência dessas características. Esse grupo está associado à inquietação diante dos fatos, ao contrário da conformidade da psique, que se submete à natureza das coisas, atitude própria em que as

características elementares dominam. Além disso, ele se relaciona à transformação e à recepção da espontaneidade da consciência, em vez do domínio do inconsciente. Conforme Neumann destaca, são essas características que nos possibilitam estabelecer relações genuínas e individuais com o sexo oposto. Em contrapartida, onde as características elementares predominam, há apenas uma experiência arquetípica com este outro (NEUMANN, 1974).

Os nomes dos grupos sugerem corretamente que as características elementares – e enfatizaremos aqui a mais crucial delas, a capacidade de conter (*containing*) – constituem o elemento fundamental, a fonte da qual desemboca todas as características transformativas. É a partir desse conteúdo elementar que se originam todos os outros conteúdos que moldarão as representações simbólicas da Grande Mãe, como ilustrado na representação visual de Neumann:

Figura 2: Desdobramentos simbólicos da Grande Mãe, segundo Neumann.



Fonte: Neumann, 1974, p.73

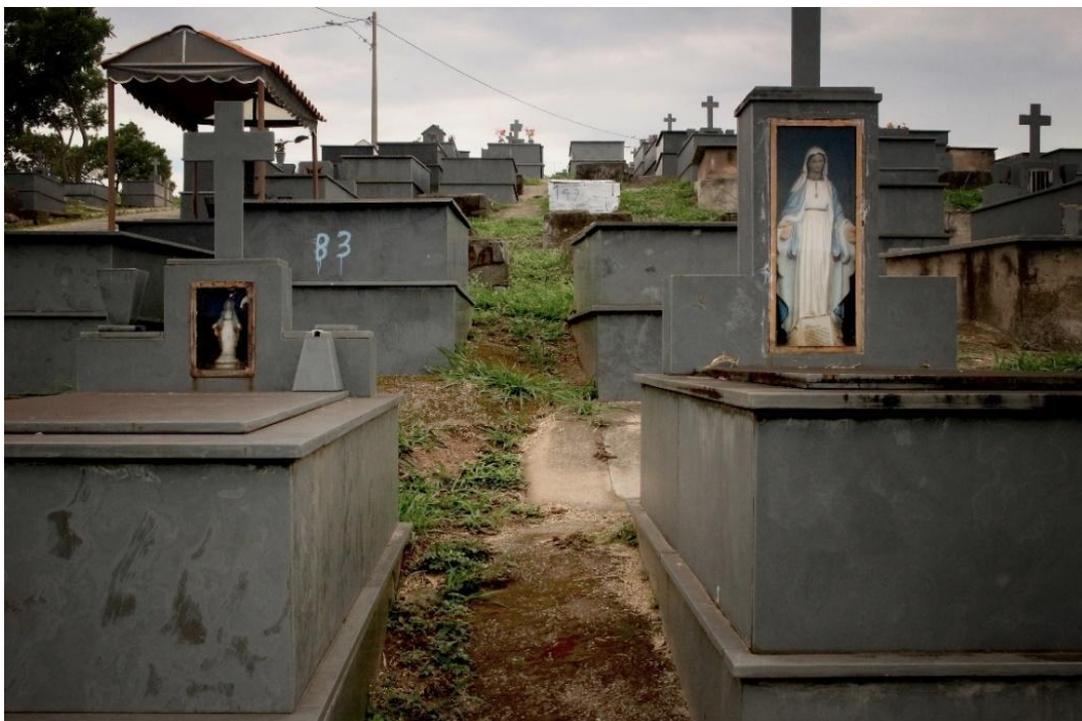
Na representação acima, temos duas linhas: a linha M, que representa as características elementares em seus aspectos positivos (M+) e negativos (M-); e a linha A que representa os aspectos positivos (A+) e negativos (A-) dentro das características transformativas. Como podemos observar, essas duas linhas cortam três círculos, sendo eles: O círculo menor e central, que comunica a respeito da principal função elementar, “conter”. Essa característica, por sua vez, desdobra-se nas funções: carregar (M+), dar (A+), rejeitar (A-) e fixar patológico (M-). Em

seguida, observamos o círculo das funções das características transformativas, que derivam da função da característica elementar “conter”. As quais incluem sublimação (A+), desenvolvimento (M+), devorar (M-) e dissolução (A-). No terceiro círculo, temos a transformação espiritual, isto é, os “símbolos conceituais” (Neumann, 1974, p.76) que levam à mudança fundamental da personalidade e da consciência em direção aos 4 (quatro) mistérios da transformação femininos.

É relevante destacar que essa representação gráfica assume uma forma tridimensional, configurando-se como uma esfera. Assim, as linhas M e A constituem os meridianos dessa esfera, enquanto A+ e M+, assim como A- e M-, se entrecruzam, resultando nos pontos F+ e F-, designados como “pontos de indiferença” (Neumann, 1974, p.80). Nesses pontos, os símbolos se assemelham consideravelmente, apesar de estarem em polos opostos.

No nosso contexto de pesquisa, o simbolismo da Grande Mãe está especialmente associado à figura de Maria, mãe de Jesus, e de maneira secundária, a representações que evocam a ideia de contenção positiva, proteção e a sensação de estar “guardado”. Um exemplo eloquente dessas referências secundárias à Grande Mãe são os pedestais em forma de casas, que, curiosamente, são quase sempre adornados com imagens de Nossa Senhora, sozinha ou acompanhada do Menino Jesus. Segundo Neumann, outros símbolos de contenção também podem estar relacionados à Grande Mãe, como “ninho, berço, cama, barco, vagão e caixão” (NEUMANN, 1974, p.45).

Figura 3: Representações da Grande Mãe em túmulos do Cemitério da Saudade.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 4: Maria, mãe de Jesus, segura o filho nos braços.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Conforme evidenciado pela representação gráfica de Neumann, Maria é associada dentro do arquétipo da Grande Mãe tanto às características elementares (como a figura materna, mãe de Jesus) quanto às transformativas (na forma da Virgem, representando a potência transformadora do Deus em homem). Destaca-se que essa associação é sempre considerada a partir da perspectiva positiva de ambos os grupos (M+ e A-), situando-se no cerne dos mistérios da vegetação e da inspiração. É interessante notar que a figura de Maria se encontra próxima ao ponto de indiferença, compartilhando características tanto com as bruxas jovens (no que diz respeito à virgindade) quanto com as bruxas velhas (no que tange à maternidade).

Maria, que reúne em si os mistérios da vegetação e os da inspiração, aparece junto no polo M+ (vegetação) com “[...] a figura materna de Demeter, deusa dos mistérios de Elêusis; a grega e não grega Artêmis, bem como a egípcia Ísis, a babilônica Ishtar, a budista Kwan-yin, e inúmeras outras deusas de todas as idades e nações [...]” (Neumann, 1974, p. 80). Já no polo A+ (inspiração), ela vem acompanhada da “[...] a virginal Atena e Artêmis [...] Kore, como filha e figura parcial de Demeter, bem como Maat, a deusa egípcia da justiça, e a figura tardia de Sofia-Sabedoria” (NEUMANN, 1974, p. 55).

É importante tratar, ainda que brevemente, dos significados contidos nos quatro mistérios da transformação, especialmente nos mistérios da vegetação e da inspiração, que estão ligados ao nosso principal símbolo. Os quatro mistérios do arquétipo da Grande Mãe representam as diferentes “faces” que esse simbolismo

assume, cada um carrega conteúdos psíquicos distintos relacionados ao feminino. A partir deles, a figura feminina simbolizada opera uma transformação tanto quantitativa quanto qualitativa dos elementos. Através dos mistérios femininos “algo novo e supremo é alcançado” (ibid.). Essas metamorfoses ocorrem por meio de fenômenos biológicos, por exemplo, a habilidade feminina de gerar leite materno a partir de seios que antes não o produziam; e por influências sobrenaturais, exemplificadas pela crença nas Ilhas Nicobar de que a semente realizada por uma mulher grávida resultará em uma colheita mais abundante (ELIADE, 2023).

Os quatro mistérios da transformação femininos são: os mistérios da vegetação (M+), com funções de imortalidade, renascimento, nascimento e fruto, tendo a deusa Ísis como uma de suas representantes; os mistérios da inspiração (A+), com funções de sabedoria, visão, inspiração e *ecstasy*, tendo a deusa Sofia como uma de suas representantes; os mistérios da morte (M-), com doença, extinção, morte e desmembramento, tendo a deusa Hécate como uma de suas representantes; e os mistérios da embriaguez (A-), com *ecstasy*, loucura, impotência e torpor, tendo Circe como uma de suas representantes. Para oferecer uma visão mais clara sobre a natureza desses mistérios, considerando que já delineamos sua essência, como a transformação tanto quantitativa quanto qualitativa da matéria pela figura feminina, podemos citar exemplos: dos mistérios vegetais, como a metamorfose de uma ínfima semente em majestosas árvores repletas de frutos, ou a fusão de gametas humanos que, unidos e gestados no ventre feminino, dão origem a um ser completo (inclusive ao próprio Deus, como é o caso de Maria e Jesus); dos mistérios de inspiração, como a ação das musas, cuja dança e canto capacitam os artistas a criar, mas a própria inventividade do humano que transforma suas ideias em invenções a partir da influência feminina pode ser considerada como participante desse último mistério.

Em nosso cenário particular – um cemitério em Belo Horizonte/MG, cidade profundamente marcada pela influência do cristianismo e do culto mariano – é completamente natural que Maria se configure como a personificação do simbolismo da Grande Mãe. Isso acontece pelos elementos culturais e religiosos que permeiam nosso campo, mas não apenas por eles. A escolha de Maria também está relacionada aos conteúdos subjacentes ao próprio símbolo. É certo que representações simbólicas cemiteriais que exploram o arquétipo da Grande Mãe em contextos culturais e religiosos distintos dos nossos tenderiam a buscar, caso os criadores desejassem transmitir conteúdos psíquicos semelhantes, uma figura feminina que incorporasse os atributos positivos de M+ e A+. Conferimos um destaque especial aos conteúdos associados à imortalidade e ao renascimento, intrínsecos ao polo M+ e aos mistérios da vegetação. Em contraponto aos conteúdos relacionados à doença e ao desmembramento, presentes no polo M- e nos mistérios da morte, reconhecemos que, embora a realidade factual no cemitério inclua esses aspectos, eles não são os sentimentos que seres humanos aspiram transmitir quando simbolizam no túmulo de seus entes queridos.

O que queremos dizer é que, via de regra, nos cemitérios simbolizamos a imortalidade e o triunfo da vida sobre a morte, ainda que fazê-lo sobre um cadáver possa parecer um contrassenso. É raro encontrarmos símbolos completamente desconectados dos arquétipos que abordam nossos desejos e sentimentos diante da morte; o fato de esses desejos e sentimentos corresponderem à realidade material parece ter pouca importância. Por exemplo, dificilmente veríamos túmulos estampados com selos ou sinetes comuns, que carregam significados relacionados

à propriedade, autoridade e poder representativos do signatário (CHEVALIER, 2023). Da mesma forma, não é comum encontrar representações simbólicas em cemitérios de tamanduás, animais que evocam temores e atributos relacionados a “poderes ocultos e eflúvios perigosos” (HAMPATE BA apud CHEVALIER, 2023, p. 941). Isso ocorre porque tais conteúdos não guardam muita afinidade com os desejos e sentimentos que, psicologicamente e socialmente, desejamos manifestar diante da perda de alguém, ainda que façam parte da realidade imposta pela morte (a exemplo das questões da propriedade do morto que será transmitida aos seus herdeiros).

Retornando ao arquétipo da Grande Mãe presente em nosso campo, Maria aparece mais relacionada às características elementares positivas representadas pelo polo M+, bem como pelos mistérios da vegetação, do que por seus aspectos virginais e mistérios inspiracionais no polo A+. Pelo que observamos, sua faceta materna predomina nas representações simbólicas do Cemitério da Saudade, mesmo quando ela aparece desacompanhada do Menino Jesus. Justificamos essa afirmação, uma vez que, dentro desse contexto, ela atende perfeitamente ao escopo de funções das características elementares, conforme delineados por Neumann: “dar vida, nutrição, calor e proteção [...] O Feminino parece ter essa grandeza porque aquilo que é contido, protegido e alimentado, é dependente dele e está profundamente sob sua misericórdia” (NEUMANN, 1974, p.43). Conteúdos ligados à inspiração e à sabedoria não são centrais na representação cemiterial de Maria.

Após delinear o simbolismo da Grande Mãe encapsulado em Nossa Senhora e compreendermos os conteúdos psíquicos a ela associados conforme as análises de Jung e de Neumann, avançamos para a etapa de trazer arquétipos correlacionados à Grande Mãe ou representações desse simbolismo que estejam desassociados de Maria, mas que transmitam conteúdos análogos, corroborando com as premissas apresentadas. Como veremos a seguir, além da já mencionada casa e outros símbolos de contenção, identificamos um número grande de exemplos da Grande Mãe relacionados a representações telúricas.

Ao longo da história, o elemento comumente associado à Grande Mãe tem sido a Terra³. Essa constatação não se sustenta apenas na abundância desses símbolos como representações de uma Mãe divina encontrados em nossa bibliografia, mas também na disseminação dessa percepção em diversas partes do globo, revelando raízes que remontam aos primórdios da agricultura. De acordo com Neumann (1974), conforme as civilizações agrícolas se desenvolveram durante a Era Neolítica, os seres humanos começaram a associar toda a natureza a uma grande deusa, reconhecendo na terra o seu ventre que gera e provê a subsistência humana. Isso explicaria por que a concepção de Tellus Mater é um tema mítico-religioso tão recorrente e amplamente difundido em diversas culturas. A noção da terra como uma mãe geradora surgiu do cultivo da natureza pelo homem, uma prática disseminada em todo o mundo, como também é disseminada em todo o mundo a ideia da Terra-Mãe que surge junto dessa atividade. Parte superior do formulário.

³ O simbolismo lunar desempenha um papel significativo na representação da Grande Mãe (cf. Eliade. *A Lua e a Mística Lunar*, 2023). No entanto, sua associação parece estar mais ligada aos elementos de fertilidade do que à maternidade ou à ideia de par feminino de uma divindade masculina solar.

São inúmeros os exemplos: Eliade (2023) nos dirá que a Terra-Mãe, chamada na Grécia de Gaia ou Gê⁴, possuía um grande culto antes de ser substituída por outras divindades agrárias (a exemplo de Demeter). Tanto Neumann (1974) quanto Ayers (2011) argumentam que a substituição da Tellus Mater por outras divindades da agricultura ocorreu a partir de um processo de patriarcalização nas sociedades. Esse fenômeno, ao longo do tempo, acabou por suprimir essa forma de representação, substituindo-a integralmente por símbolos masculinos⁵. A Grande Mãe continuou a ser cultuada, entretanto, seu culto foi socialmente sufocado como no caso dos mistérios eleusinos (Neumann, 1974). Eliade destaca que o culto de divindades ctônicas, de fato, perdeu seu prestígio a partir do período helenístico. No entanto, os resquícios desse culto persistem em literatura posterior à era áurea da Grande Mãe, como evidenciado em um hino homérico:

É à Terra que cantarei, mãe universal com profundas raízes, avó venerável que nutre em seu solo tudo o que existe... É a ti que compete dar a vida aos mortais, bem como tomá-la de volta... Bem-aventurado aquele a quem honras com tua benevolência! Para ele a vida é uma gleba de boa colheita, nos campos seus rebanhos prosperam e sua casa enche-se de riquezas (HOMERO apud ELIADE, 2023, p.199).

Ésquilo, dramaturgo grego e iniciado nos mistérios eleusinos, também canta para esta Terra que é Mãe, “que gera todos os seres, alimenta-os e depois recebe deles novamente o germe fecundo” (ÉSQUILO apud ELIADE, 2023, p.199), em um ciclo regenerativo contínuo, em um conjunto, em uma grande unidade que engloba e sustém todas as existências já reveladas ao homem. Parte superior do formulário

Os armênios também viam na Terra a representação da Grande Mãe, na medida em que acreditavam que ela era o ventre que gestava e paria os homens. O pai apenas “legitimava” o filho por um processo de reconhecimento semelhante a uma adoção⁶, pois entendia-se que as crianças eram geradas naturalmente pela Terra, pertenciam naturalmente apenas ao “lugar”, ao cosmos circundante que as gerou nas árvores, grutas ou cachoeiras (ELIADE, 2023). A mãe mulher, representante humana da Terra, apenas acolhe essas crianças feitas pela *Tellus Mater* e, quando muito, empresta-lhe suas feições.

Apesar do papel secundário das mães humanas em relação à divindade Terra-Mãe, as mulheres foram historicamente consideradas representantes da *Tellus Mater*, como evidenciado por diversas crenças nas quais elas passam a exercer influência sobre a fertilidade e a distribuição social desta, inclusive sobre a natureza. Um exemplo é a tribo Bantu, na Índia, que acredita que a infertilidade de uma mulher pode impactar a produtividade agrícola. Em Nicobar, a crença é de que a

⁴ Segundo o autor, na etimologia da palavra Gaia, já vemos o elemento telúrico de forma imediata, como também o vemos no “sânscrito, *gô*, “terra”, “lugar”; zend, *gava*, *godo*, *gawi*, *gauja*, “província” (Eliade, 2023, p.199).

⁵ De acordo com Elgelsman (1987), o forte culto à Maria veio “com a repressão da dimensão feminina do divino no primeiro século da era cristã, o palco foi preparado para o grande retorno do que foi recalçado” (Elgelsman, 1987, p.120).

⁶ Segundo Eliade (2023), os rituais similares de reconhecimento da paternidade que envolvem o elemento telúrico ocorrem entre os Abruzos, escandinavos, alemães, parses, japoneses etc. Deita-se “a criança diretamente na terra logo depois de lavada e protegida com cueiros [...] A criança é levantada pelo pai (de terra *tolere*), o que significa que a reconhece como filho” (Eliade, 2023, p.207).

colheita será mais abundante se semeada por uma mulher grávida. No sul da Itália, há a convicção de que os esforços empreendidos por mulheres grávidas se desenvolverão de maneira análoga aos fetos em seus ventres.

De forma semelhante aos armênios, a tribo Umatilla, uma comunidade indígena nativo-americana no Oregon, também reverenciava uma Terra-Mãe comum. Isso fica demonstrado nas palavras de uma liderança espiritual desse povo, a indígena Smohalla, que proibia seus discípulos de cavar a terra, pois:

‘é um pecado ferir ou cortar, fender ou arranhar nossa mãe comum com os trabalhos agrícolas [...] Pedis-me que trabalhe o solo; Acaso eu pegaria numa faca para a mergulhar no seio de minha mãe; Pedis-me que cave e levante pedras; Iria eu mutilar a carne para chegar aos ossos; Pedis-me que corte o capim e o feno e que o venda e me enriqueça como os brancos; Mas como ousaria eu cortar a cabeleira de minha mãe? (ELIADE, 2023, p.205).

O culto à Terra-Mãe é observado nos Vedas e, nesse contexto, adentramos uma faceta particularmente fascinante. Assim como nas funções do polo M+ descritas por Neumann, em que Maria é situada, o culto à Grande Mãe como divindade telúrica também carrega consigo um profundo significado de imortalidade e renascimento. Por essa razão, o símbolo da Grande Mãe é frequentemente invocado em rituais funerários ao longo da história das religiões:

“Arrasta-te para a terra, tua mãe!”, diz o Rig Veda. “A ti, que és terra, ponho-te na terra”, está escrito no Atharva Veda. “A Terra é uma mãe, eu sou filho da Terra, meu pai é Parjanya... Nascidos de ti, os mortais voltam para ti...”. No momento do enterro das cinzas e dos ossos incinerados, juntam-se grãos a eles e espalha-se tudo sobre um campo lavrado recentemente, dizendo: **“Savitri, espalha tua carne no seio de nossa mãe, a Terra” [...] A ideia de retorno à Terra-Mãe foi complementada por uma ideia ulterior: a de reintegração do homem no todo do cosmos, uma restitutio ab integro das faculdades psíquicas e dos órgãos no antropocosmos original** (ELIADE, 2023, p.211, grifo nosso).

O simbolismo da Grande Mãe como uma figura ctônica traz consigo a concepção de restituição integral dos “pedaços” separados (homens ao nascer) do todo cósmico e de um eterno retorno. Isso se manifesta tanto de forma literal quanto figurativa: ao devolvermos o corpo à terra, concedemos aos seres humanos a oportunidade de renascer como vegetação ou como novas encarnações, a partir dessa entidade natural que os gerou inicialmente. “Dá-se ao cadáver uma forma embrionária para que a Terra-Mãe possa dá-lo à luz uma segunda vez” (ELIADE, 2023, p.209). Assim, a morte transforma-se em um intervalo temporário, um período de repouso que antecede a volta à vida, independentemente da forma que esta venha a assumir. Tudo faz parte do destino total dessa *Tellus Mater*, e viver é apenas se separar de suas entranhas. Ela é origem de todas as formas de vida e é o útero no qual os mortos são depositados para descansarem, se regenerarem e, por fim, retornarem para outro ciclo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações expostas, é possível derivar algumas conclusões sobre os conteúdos psíquicos subjacentes ao simbolismo da Grande Mãe em nosso

campo. Em primeiro lugar, observa-se que as representações desse arquétipo no Cemitério da Saudade estão predominantemente vinculadas à figura de Maria, a mãe de Jesus. Além dela, destacam-se símbolos de contenção, como pedestais em forma de casa e vasos, ressoando o conceito de “vessel”. A recorrência de Maria pode ser atribuída a motivos culturais, mas também aos significados transmitidos pelo símbolo, principalmente relacionados aos conteúdos de contenção positiva, abrigo, segurança, calor e ternura, próprios das características elementares de valência positiva (M+). De maneira intensa, também é possível perceber a influência telúrica nesse simbolismo, ligada não apenas aos exemplos da *Tellus Mater* na história das religiões, mas também ao fato de que Nossa Senhora está abundantemente representada em um aparelho destinado à inumação de pessoas e de que ela que se enquadra nos mistérios da vegetação, de onde derivamos igualmente conteúdos de maternidade, imortalidade e período de repouso anterior ao renascimento.

Embora seja impróprio equiparar Maria, no contexto do cristianismo, a outras deidades agrárias que são consideradas fontes divinas de todo cosmos, uma vez que Maria possui uma natureza humana, e sua divindade está centrada exclusivamente em sua maternidade e no filho, é essencial ressaltar que desde os primórdios do cristianismo, ela é reconhecida como “[...] parte integral do mistério cristão como parte do plano de Deus para a salvação da raça humana” (ELGELSMAN, 1987, p.122), além de mãe da humanidade. Isso significa que, apesar de não ser investida da autoridade de uma deusa pela Igreja Católica, seus poderes transcendem os limites atribuídos a uma mulher comum, sendo comparável ao das deidades femininas e telúricas de outras culturas. Portanto, nos parece plausível compará-la à Terra-Mãe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYERS, Mary. **Masculine Shame: From Succubus to the Eternal Feminine**. 1st ed, Routledge, 2011.
- CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A; et al. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2023.
- DEJOURS, C. **O fator humano**. Trad. Maria Irene S. Betiol e Maria José Tonelli. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.
- ENGELSMAN, Joan Chamberlain. **The feminine dimension of the divine**. Wilmette, Ill.: Chiron Publications, 1987.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: WMF, 2023.
- FERREIRA, Hudson Carvalho. **O método comparativo na Psicologia Analítica: Uma análise sobre a gênese do conceito de amplificação na obra de Carl Gustav Jung**. 2018. Dissertação (mestrado em Psicologia) -

Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. São João Del-Rei, 2018.

FIGUEIRA, Adriana B. dos Santos. **A grande mãe**: um estudo sobre o imaginário do lugar do Morro da Conceição. 2000. 170 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2000. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3333/1/arquivo5288_1.pdf. Acesso em: 17 de mai. de 2024.

GIRARD, Marc. **Os símbolos na Bíblia**: Ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal. São Paulo: Paulus, 1997.

JUNG, C. G. **Obras Completas**: Símbolos da transformação. 3a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 1988.

JUNG, C. G. **Aion**: Researches into the phenomenology of the self. Princeton: Princeton University Press, 1970.

NEUMANN, Erich. **The Great Mother**: an analysis of the archetype. New Jersey: Princeton University Press, 1974.

RABINOVICH, E. P. **A Casa como Símbolo**: A Relação Mãe-Criança. Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum., São. Paulo, 7 (1), 1997.

VON FRANZ, M. L. **O homem e seus símbolos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.